

Feira Conexão Criativa Fashion: o fuxico é linguagem de mundo na Granja Portugal

Em uma tarde alaranjada do Bom Jardim, a Granja Portugal parecia atravessada por um encantamento onipotente, daqueles que se sente. A música ressoava na ladeira da comunidade e a feirinha começava a ganhar cor, sons e cheiros, como se o próprio vento tivesse decidido participar da festa.

Tudo parecia ter sido tocado por muitas mãos antes de chegar ali: macramês trançados com paciência, tapetes de retalhos que guardavam pedaços de outras casas, jóias artesanais que brilhavam sem pressa. De roupinhas de boneca a bolsas estilo ícone fashion, o que circulava ali era a permanente invenção cotidiana.



A Feira Conexão Criativa Fashion até tinha um gosto: bolo de capim-santo. Era como se a receita viesse de antes do tempo, um sonho entre paladar e memória.

A Associação CUBMGP ocupava a rua Teodoro de Castro mais uma vez como esse ponto de encontro onde saberes não ficam guardados: circulam. Fazendo da arte não uma vitrine, mas uma passagem. E talvez seja justamente nesse trânsito entre mãos, tecidos e histórias que algo começa a se anunciar.

Coleção de fuxico

Sapatos de fuxico, acessórios, bolsas, roupas reinventadas a partir de restos e memórias. Tudo parecia carregar a assinatura de muitas mãos ao mesmo tempo.

A grande atração da feira foi o resultado de vários meses de formação, onde as fadas artesãs criaram suas próprias peças e algumas até desfilaram vestidas de si ou de criações de outras participantes. Algumas costuraram para suas netas, outras chamaram mulheres do próprio bairro para serem modelos, ampliando a noção de beleza que atravessava a passarela.



Maria, professora do módulo de criação de coleções, acompanhou o processo já em movimento. A maioria dos looks foi inteiramente idealizada pelas próprias participantes. Algumas peças nasceram da mistura entre fuxico e garimpo de brechó, movimentando a estética de reutilização. O que se viu, segundo ela, foi um gesto de autoria real.

O estilista Lindemberg, renomado pelos desfiles do DFB Fortaleza, foi um dos jurados do desfile e observou algo que atravessava o olhar: as peças não eram apenas roupas, eram histórias vestíveis. “Elas estavam contando suas histórias em peças”, afirmou.



Dona Fofinha e o tempo que costura

Entre as histórias que atravessam o território, está a de Dona Fofinha, artesã com 37 anos de trajetória junto à associação CUBMGP. Ela domina diferentes formas de fuxico: triângulo, redondo, quadrado, também faz arte a partir de reciclados e papelão, mas o que marca sua presença não é apenas a técnica ou produto, é a forma como ela se reconhece

nesse fazer. “Eu sou assim, meu ser é o que vale”, disse ela, vendo a costura e o artesanato como afirmação de identidade.



Inclusão, resistência e transformação

Outro momento de forte impacto foi a premiação do concurso da feira. Os reconhecimentos – kit de costura, máquina portátil e premiação em dinheiro – deram visibilidade a trajetórias diversas. Entre elas, a de uma participante PCD conhecida como Dona Escândalo, que trabalha com reciclagem como fonte de renda e expressão artística. Sua criação ficou em 2ª lugar, um top vermelho paixão e uma saia que é garimpo de brechó que, segundo ela, seria descartada.



Sua atuação tensiona percepções sobre capacidade, valor e criação. Ao transformar materiais descartados em novos objetos, ela também desloca os olhares sobre o que é considerado útil, bonito ou possível. Sua presença reafirma um ponto central do evento: a arte como ferramenta de enfrentamento ao capacitismo e como afirmação de autonomia.



Coletivo e circular: a essência da comunidade

A programação também abriu espaço para apresentações de capoeira, com o grupo Sou Capoeira e a contra mestra Matraka. Destaque para a presença de crianças e jovens que impressionaram pela força e pela técnica. A capoeira é uma luta ancestral e as palmas elevavam a energia do local. “Bate palma que o menino é bom”, cantavam.



A ciranda, conduzida pelas Guardiãs da Ciranda, trouxe outro eixo central da feira: a circularidade. Em alguns momentos, uma cirandeira ainda pequena atravessou a roda e convidou o público a entrar. O gesto simples reorganizou o espaço: não queriam uma

platéia, mas integração. Essa dinâmica sintetiza um dos pilares da atuação da associação: a transmissão entre gerações, onde o saber é compartilhado em movimento.

